

## **A ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão\***

*João Carlos de SENNA-MARTINEZ<sup>1</sup>*

A primeira referência à possibilidade de determinados materiais arqueológicos, designadamente recipientes de olaria, provenientes de monumentos megalíticos portugueses do Centro-Norte, poderem ter uma cronologia tardia (Idade do Bronze), vem-nos de Vera Leisner num artigo onde, a propósito de um recipiente encontrado num dólmen de Trás-os-Montes (LEISNER, 1958.), tece toda uma série de considerações sobre os recipientes afins provenientes das Beiras e Noroeste Português. Posteriormente, na publicação da necrópole dolménica do Carapito (LEISNER & RIBEIRO, 1968.), esta investigadora estabelece, a partir sobretudo da escavação do monumento 3, a diferenciação estratigráfica de um conjunto equivalente de materiais em relação ao nível de base correspondente a uma primeira utilização do monumento.

Já nos anos setenta, serão Konrad Spindler e O. da Veiga Ferreira quem formalizará a designação *Carapito Keramik*, dando-lhe um sentido equivalente ao conceito de *Bronze do Sudoeste* criado por Schubart (SPINDLER & FERREIRA, 1974; 56 e Abb. 9).

Em 1984, produzíamos uma primeira síntese sobre o conjunto dos materiais que, nos monumentos megalíticos da Beira Alta, pensávamos significar uma utilização tardia daqueles (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984.), atribuindo-a à Idade do Bronze. Já em 1987/88 tivemos finalmente acesso aos materiais da necrópole do Carapito, entretanto depositados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, os quais revimos. Contudo, foi a escavação, entre 1987 e 1989, da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão (BMSR-20), que veio permitir identificar, pela primeira vez na

---

\* Comunicação apresentada às *Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco 1991, aqui reproduzida com ligeiras alterações.

<sup>1</sup> Professor Auxiliar do Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa. Director do Programa de Estudo Arqueológico da Baixa do Médio e Alto Mondego (PEABMAM). *Instituto Alexandreerculano de História Regional e do Municipalismo e Instituto de Arqueologia*, Faculdade de Letras de Lisboa, 1699 LISBOA CODEX, PORTUGAL

região, um "solo de habitat" complexo atribuível a esta etapa cultural, tanto mais importante quanto se encontra claramente estratificado entre unidades atribuíveis a um Calcolítico avançado, as quais sobrepõe, e outras pertencentes ao Bronze Final que o sobrepõem.

Abordámos o seu estudo, conquanto de forma ainda preliminar, na nossa tese de doutoramento (SENNA-MARTINEZ, 1989: 314-28), pelo que se impunha, agora, avançar para uma análise mais completa dos dados disponíveis.

## **1. O sítio arqueológico do Buraco da Moura de S. Romão**

Conhecido desde uma primeira referência de Martins Sarmento (1933,(1983.: 134), seria só em 1985/86, após os primeiros reconhecimentos efectuados por elementos do PEABMAM, que o Buraco da Moura de S. Romão se revelaria como um importante sítio arqueológico (SENNA-MARTINEZ, GUERRA & FABIÃO, 1986.; SENNA-MARTINEZ & VALERA, no prelo.).

Desde logo se foram recolhendo materiais arqueológicos em várias das cavidades do complexo, das mais superficiais às mais profundas (a mais de uma centena de metros da actual entrada), sugerindo, aos poucos, diversos períodos de ocupação.

De 1987 a 1989, efectuaram-se as três primeiras campanhas de escavações (nem sempre com as condições e duração desejadas) codirigidas por J.C. de Senna Martínez, António Valera e Isabel Estevinha (SENNA-MARTINEZ, 1989: 156-76; SENNA-MARTINEZ, VALERA & ESTEVINHA, no prelo.; VALERA, SENNA-MARTINEZ & ESTEVINHA, 1989.). Estas intervenções foram realizadas em cinco dos principais espaços (Salas 20, 1, 2, 4 e 18), todas elas pertencentes a um núcleo de cavidades com grande concentração de materiais à superfície e localizado na parte inicial do complexo.

Retomados os trabalhos em 1992, apenas se encontra concluída, neste momento, a escavação e estudo de materiais e estruturas da Sala 20. São esses resultados que, adoptando uma partição cronológica-estratigráfica, são apresentados em quatro textos neste volume, debruçando-se este sobre a ocupação do Bronze Pleno.

Não obstante a escavação e estudo de materiais de outras cavidades deste complexo não estarem concluídos ou, para a maioria, nem sequer iniciados (já foram recolhidos materiais de superfície em mais de dezena e meia de cavidades), sempre que necessário será feita referência à informação já disponível para esses espaços. Na realidade, não só terá existido uma ocupação/utilização simultânea de várias cavidades, em determinados momentos, como a dinâmica de escorrências deste sítio foi (e é) responsável pela deslocação de alguns materiais de uns espaços para outros, o que obriga sempre a uma perspectiva de conjunto.

## **2. Localização e ambiente**

O conjunto de cavidades naturais entre penedos graníticos denominado "Buraco da Moura" situa-se junto à ribeira da Caniça, na vertente Sul do Cabeço do Crasto de São Romão - um esporão encaixado na confluência daquela ribeira com o rio Alva - a uma altitude de 680m e com as seguintes coordenadas geográficas: 236.9/397.7 GAUSS, na folha 223 da C.M.P., esc. 1:25000 (Fig.1).

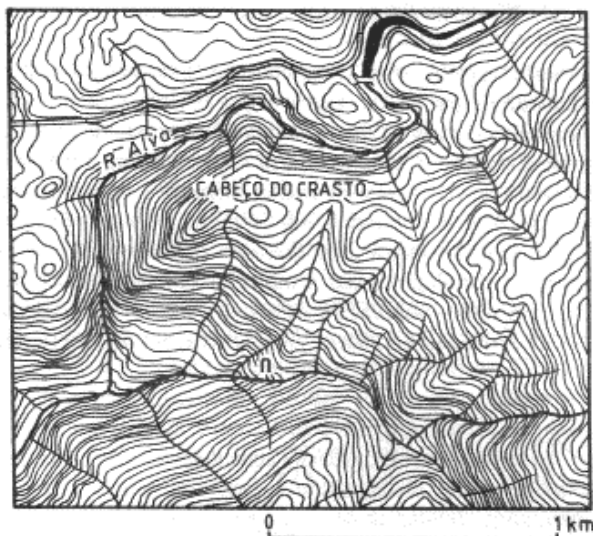


Fig.1 - Localização do Buraco da Moura de São Romão (○) na Folha 223 da C.M.P., 1:25000.

Administrativamente, localiza-se no limite SE da freguesia de São Romão, próximo da povoação da Lapa dos Dinheiros, concelho de Scia, distrito da Guarda.

Situado na extremidade ocidental do Maciço Central de origem tardi-hercínica, este sítio foi fortemente condicionado na sua formação e evolução pela dinâmica geomorfológica inerente à sua localização. Do ponto de vista geológico, situa-se no complexo de granitos calco-alcalinos de duas micas, biotíticos (granito porfiroide de grão grosseiro - cf. TEIXEIRA, *et alii.*, 1974: 26), perto do contacto com o *Complexo Xisto-Grauváquico*. O local é periférico em relação à área glaciada da Serra da Estrela, ficando a cerca de 1800m, em linha recta, da extensão máxima da língua glaciária do Covão Grande, que terá ocupado o curso superior da ribeira da Caniça (DAVEAU, 1985: fig.22; VALERA, neste vol. a.: Fig.2). Assim, esta área esteve, durante o Pleistocénico, sujeita aos efeitos de intensas acções erosivas, fundamentalmente de origem peri-glaciária, sendo, ainda hoje, recortada por inúmeras linhas de água, alimentadas pelas reservas hídricas constituídas pelas acumulações de neve nos patamares superiores da serra.

Inserindo-se neste contexto, o Buraco da Moura apresenta-se como uma aglomeração de grandes blocos graníticos, no sopé da vertente, junto à ribeira, formando entre si cavidades que viriam a ter utilização antrópica. Tratando-se de um local onde a dinâmica de evolução de vertentes é particularmente viva, estes espaços entre penedos sofreram constantes alterações, pré e pós-utilização humana, com escorrências de terras e mesmo deslocação de blocos graníticos, o que, por vezes, alterou significativamente a sua configuração.

Do ponto de vista dos recursos, a área envolvente do sítio arqueológico é caracterizada por cambissolos húmicos, sendo os solos extremamente ácidos, variando o Ph entre 4.5 e 4.6. A sua utilização actual é considerada condicional, sendo classificada na

classe C+D ou E (cf. "Carta de Capacidade de Uso do Solo", *Atlas do Ambiente*, III.3, Lisboa, 1978.)

Quanto ao coberto vegetal, este caracteriza-se actualmente (SILVA & TELES, 1986.) por uma floresta de carvalhos (*Quercus pyrenaica*) e de pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) com o acréscimo (mais ou menos recente?) do castanheiro (*Castanea sativa*). Área fortemente antropizada, o actual coberto vegetal difere acentuatadamente do que terá sido regionalmente a vegetação climática original - uma floresta temperada de carvalhos (*Quercus pyrenaica* acima dos 600-800m e *Quercus robur* em altitudes mais baixas), dando lugar, em altitude, a uma faixa de vidoeiros (*Betula pubescens*) - tal como recentes estudos palinológicos das sequências das turfeiras do andar médio/alto da serra têm vindo a revelar (JANSSEN, 1985.; JANSSEN & WOLDRINGH, 1981.; VAN DEN BRINK & JANSSEN, 1985. e VAN DER KNAAP informação pessoal).

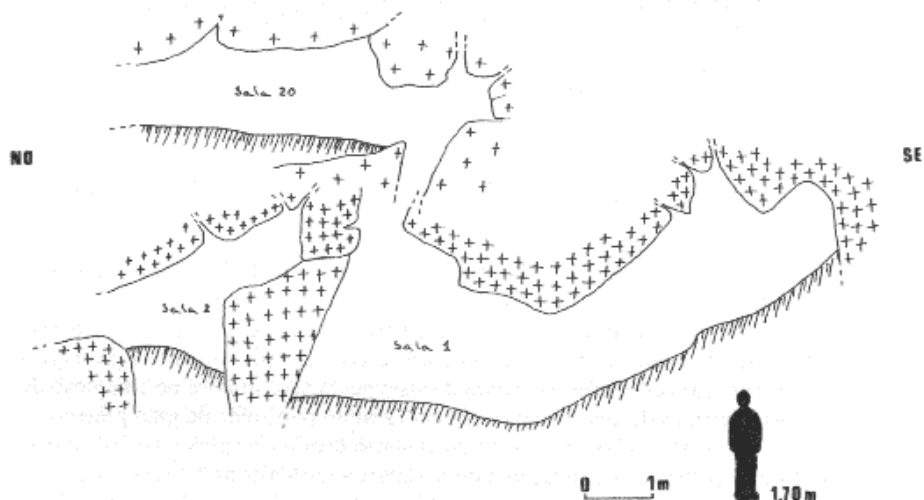


Fig.2 - Perfil transversal NO-SE do conjunto das "Salas" 1, 2 e 20 do Buraco da Moura.

### 3. Os dados de escavação

A cavidade aqui abordada é a que, no conjunto de todo o complexo, se situa na cota mais elevada. Esta situação coloca-a como o ponto de origem de escorrências de alguns materiais para outros espaços (cf. VALERA, neste vol a.). Situa-se no interior do aglomerado de pedregal, mas num plano próximo da actual superfície, de tal modo que existe uma "claraboia" por onde penetra a luz do dia, insuficiente, no entanto, para dar claridade à cavidade. Esta, contudo, não terá sido sempre a configuração deste espaço. É visível no seu topo Norte a existência de um cone de escorrências provenientes do exterior, que se sobrepe ao último nível de ocupação da sala 20 (UE.1), tapando uma larga abertura por onde se faria a entrada nesta cavidade, directamente a partir do exterior do complexo de pedregal. Actualmente, o acesso só é possível pelo interior, a partir

da Sala 2, mas através de uma escalada com a ajuda de cordas (Fig.2).

Posterior à ocupação antrópica da sala 20, este cone de escorrências transportou materiais arqueológicos atribuíveis a vários períodos, destacando-se fragmentos de olaria, objectos de anfibolito polido e dois dormentes de mó manual, um dos quais inteiro, mas que de momento se situa entalado debaixo de um penedo de várias toneladas. Não sendo passível de escavação a partir do interior (por razões de segurança), esta escorrência demonstra a existência de ocupações no espaço exterior (ainda não comprovadas arqueologicamente). O estudo das diversas ocupações da sala 20 terá, pois, de a prespctivar como um provável abrigo com entrada pelo exterior, no qual é possível que se prolongasse a ocupação.

Escavada em três campanhas, esta cavidade forneceu uma estratigrafia que aponta para quatro etapas de ocupação distintas (cf. o corte da Fig.4). Iniciando-se no Calcolítico (VALERA, neste vol. a.) - com as unidades estratigráficas, UEs.8, 13 e 16 - prossegue com a ocupação atribuível a um Bronze Pleno, aqui estudada, para continuar com uma utilização no Bronze Final (SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol.) e revelar ainda alguns elementos medievais (VARANDAS, neste vol.).

A ocupação que aqui nos interessa é representada pelas unidades estratigráficas (UEs.) 4, 3, 11, 12 e 14, que constituem um "solo de habitat" complexo.

Recoberta pela camada correspondente à ocupação do Bronze Final, a UE.1 (SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol.), a UE.4 é uma camada de terras castanho-escuras, relativamente compactas, com pouca pedra e ainda bastantes raízes provenientes da UE.1. Serve de suporte à UE.5 - o "muro" construído numa etapa tardia de constituição da UE.4 e em uso durante o Bronze Final - e cobre a quase totalidade da área escavada, com excepção do recanto noroeste e no extremo sudeste onde termina sobre uma laje de granito (cf. a planta da Fig.3 e o corte da Fig.4).

Do seu interior provém um número apreciável de fragmentos ósseos ainda não completamente identificados e, na sua interface superior, sob a UE.5, um fragmento de osso craneano (ainda inidentificado no que respeita à espécie) cuja relação com aquela estrutura [UE.5], sem ser de excluir, não é, porém, clara.

Correspondendo aos quadrados C2/3, sob a UE.2 e encaixada na UE.4, surge a UE.3. É uma camada de terras acinzentadas finas relativamente compactadas com bastantes calhaus rolados e alguma pedra de pequenas dimensões e poucas raízes, ocupando uma área, aproximadamente circular, com cerca de 1.2m de raio. Os fragmentos de olaria que continha, poucos, colam com outros da UE.4.

A escavação da UE.3 viria a revelar a existência, no seu interior, de duas bolsas sobrepostas [UEs.11 e 12] de uma substância esbranquiçada muito fina (cinzas?). A primeira destas, UE.11, apresenta no seu centro uma área circular mais compacta formando pequenos nódulos da mesma substância tendo inscritos à superfície alguns fragmentos de olaria manual e duas pequenas esquirolas de osso esbranquiçadas e a desfazerem-se (cf. Figs.3 e 4).

A UE.3 poderá ser um equivalente estratigráfico da UE.4 com as diferenças de textura e coloração resultantes da desagregação, local e parcial, das UEs.11 e 12, correspondendo - o conjunto das UEs.3, 11 e 12 - a uma área de fogo (lareira?).

Na área aberta em 1988, no interior da parte norte da UE.4 - a uma cota ligeiramente inferior ao conjunto das UEs.3, 11 e 12 - foi possível identificar uma estrutura [UE.14] constituída por calhaus rolados, agrupados, entre os quais apareceu um grande conjunto de olaria manual, exclusivamente lisa, bem como um fragmento de um arte-

facto em anfibolito polido (Figs.3 e 4).

Parece tratar-se de uma estrutura de combustão, embora a presença de carvões seja muito reduzida. Contudo, as terras em redor dos calhaus rolados apresentavam uma tonalidade francamente mais escura.

Sobre a UE.14 e cobrindo-a em metade da sua superfície estava colocado, *in situ*, um dormente de mó manual invertido (corresponde ao grisé escuro que cobre parcialmente a UE.14 na planta da Fig.3). Cobrindo a extremidade sul deste dormente e o limite sul da estrutura, encontrava-se metade de um outro dormente de mó manual, também em posição invertida.

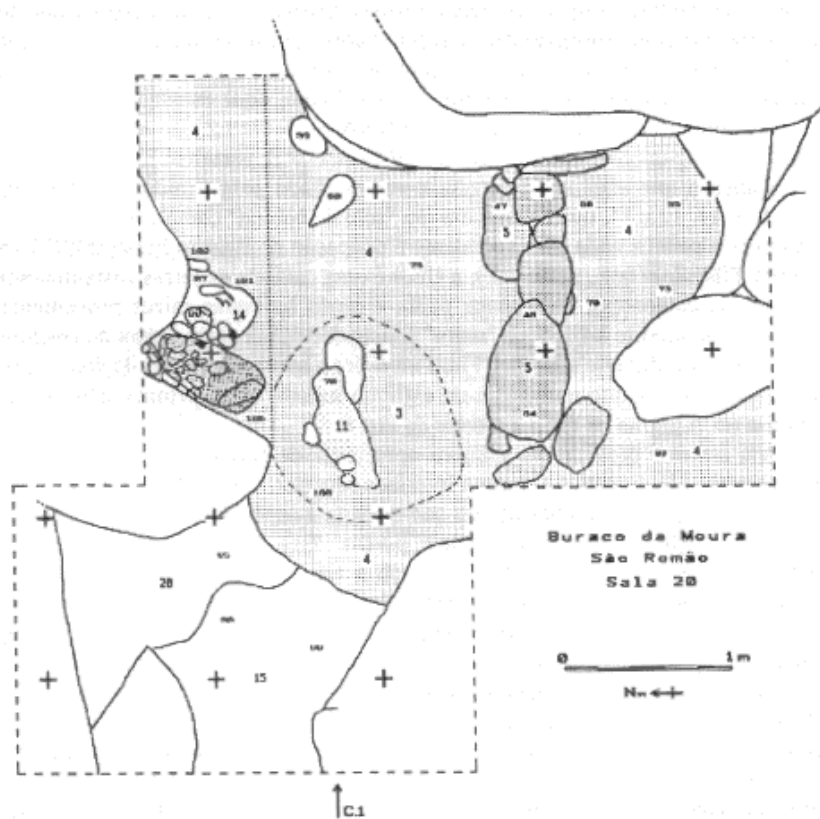


Fig. 3 - Planta da "Sala 20" do Buraco da Moura de S.Romão com as estruturas atribuíveis à ocupação do Bronze Pleno.

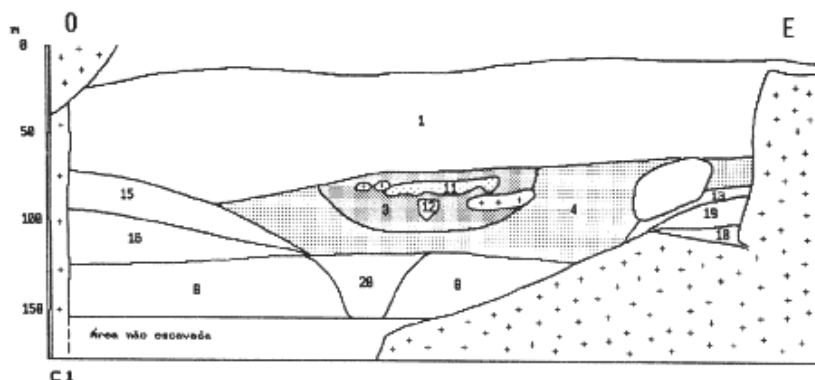


Fig. 4 - Perfil Oeste/Este dos enchimentos da "Sala 20" do Buraco da Moura de S. Romão. Os "grisés" assinalam as unidades estratigráficas 4, 3, 11 e 12, atribuídas à ocupação do Bronze Pleno.

Esta estrutura parece, assim, ter tido um momento de utilização, correspondendo à base da UE.4, seguido de um momento de abandono, em que foi coberta pelas mós. Deste modo, a UE.4 poderá corresponder a dois momentos:

- Um correspondente à utilização da estrutura UE.14.
- Outro correspondente ao seu abandono e à formação das UEs. 3, 11 e 12, as duas últimas das quais, inseridas na UE.3, estão a uma cota superior à da UE.14.

Face ao exposto pensamos que o conjunto das estruturas encontradas neste "solo de habitat", particularmente a "lareira" UE.14 coberta por dois dormentes de mó manual, configuram, para esta ocupação da Sala 20, um cariz provavelmente doméstico.

#### 4. Os materiais

Os materiais integrados neste grupo de unidades formam uma amostra particularmente significativa. Assim, da UE.4 provêm: um importante conjunto de olaria de produção manual, predominantemente não decorada, bastante homogéneo e englobando um conjunto de formas que permitem atribuí-lo a um Bronze Pleno; um grupo de artefactos em sílex, incluindo fragmentos de lâminas, retocadas ou não, lascas e núcleos sendo um de lamelas; um artefacto discoidal quebrado, em pedra, decorado com incisões [297/87]; um pequeno pendente em xisto polido [40/87] e uma pequena enxada polida em anfíbolite [392/87]. Os materiais referidos das UEs.3 e 14 enquadram-se facilmente no conjunto dos recolhidos na UE.4.

Alguns problemas eram colocados, contudo, por alguns fragmentos decorados, recolhidos na UE.4, geralmente de dimensões reduzidas e com fracturas antigas. Face aos dados disponíveis após a campanha 1(1987), pensávamos que podiam, provavelmente, representar restos de uma ocupação calcolítica anterior, não sendo, contudo, de excluir a possibilidade de constituírem sobrevivências desta, já num momento mais avançado. A escavação, na campanha 2(1988), das unidades subjacentes à UE.4 veio permitir resolver parcialmente a questão, demonstrando que alguns provinham, de facto, das UEs. subjacentes às aqui consideradas e atribuíveis ao Calcolítico (VALERA, neste vol. a.).

#### 4.1 A Olaria

Os materiais que aqui abordamos provêm, quer da UE.14, quer da UE.4 e integram 15 recipientes reconstituíveis da primeira e 93 da segunda.

A distribuição dos exemplares classificáveis tipologicamente, segundo as duas unidades aqui consideradas, por Formas e respectivos sub-tipos (Para a definição das diversas Formas e parâmetros de análise da olaria cf. Apêndice-I e SENNA-MARTINEZ, 1989: 222 sgs.) é a constante do **Quadro I**.

De cada uma das unidades provêm ainda uma base plana, a que não é possível fazer corresponder uma Forma, além de outros fragmentos inclassificáveis tipologicamente.

Uma primeira constatação a tirar da análise deste quadro é que a frequência relativa das Formas específicas atribuíveis ao Bronze Pleno da Bacia do Médio e Alto Mondego - Formas 21 a 28 (11.1% - cf. Est.II) - é muito inferior ao das restantes Formas oriundas do que costumamos designar como *fundo comum neo-calcolítico* - Formas 2 a 13 (88.9% - cf. Est.I).

Pensamos que um dos aspectos mais importantes da amostra de olaria aqui em discussão é a demonstração inequívoca da contemporaneidade de utilização, num momento da Idade do Bronze, de Formas específicas deste momento com outras cuja origem radica em momentos crono-culturalmente anteriores. Fica deste modo demonstrada a razão que nos assistia ao considerarmos a possibilidade de algumas destas últimas serem atribuíveis igualmente a esta etapa cultural (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984.), apesar das críticas que por isso nos foram dirigidas (JORGE, 1986: 888).

Se compararmos as frequências das diversas Formas da amostra total de BMSR-20 [4,14] com as frequências calculadas para as amostras de olaria dos monumentos megalíticos com conjuntos artefactuais significativos atribuíveis ao Bronze Pleno - nomeadamente o Monumento 3 do Carapito (CARP3), a Orca dos Juncais (ORJU) e a Orca do Tanque (ORTA - cf. SENNA-MARTINEZ, 1989: 288-314) - verificamos (Gráfico-1) que é visível um afastamento daquela em relação a estas devido, fundamentalmente, a uma quebra na amostra de BMSR da frequência da Forma 26 e aos valores elevados aí registados para as Formas 2, 4, 6 e 13.

Destes três monumentos é particularmente importante, em termos comparativos, o conjunto dos materiais do Dólmen 3 do Carapito, pois constitui uma amostra contextualmente bastante segura (LEISNER & RIBEIRO, 1968: 57), dado o rigor posto na escavação e registo dos materiais.



Quadro I

FORMAS	UE.4		UE.14		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
2.1	1	1.0			1	0.9
2.2	3	2.8			3	2.8
2.3	6	6.5			6	5.6
2.4	5	5.4	3	20.0	8	7.4
2.5	7	6.5			7	6.5
2.6	1	1.0			1	0.9
<b>2-tot.</b>	<b>23</b>	<b>21.3</b>	<b>3</b>	<b>20.0</b>	<b>26</b>	<b>24.1</b>
4.1	8	8.6	3	20.0	11	10.2
4.2	10	10.8	1	6.7	11	10.2
4.3	4	4.3	2	13.3	6	5.6
4.5	2	2.2			2	1.9
<b>4-tot.</b>	<b>24</b>	<b>25.8</b>	<b>6</b>	<b>40.0</b>	<b>30</b>	<b>27.8</b>
5.1	7	6.5	1	6.7	8	7.4
5.3	1	1.1			1	0.9
<b>5-tot.</b>	<b>8</b>	<b>8.6</b>	<b>1</b>	<b>6.7</b>	<b>9</b>	<b>8.3</b>
6.1	2	2.2			2	1.9
6.2	4	4.3			4	3.7
6.3	4	4.3	1	6.7	5	4.6
6.4	1	1.1			1	0.9
<b>6-tot.</b>	<b>11</b>	<b>11.8</b>	<b>1</b>	<b>6.7</b>	<b>12</b>	<b>11.1</b>
8.2	2	2.2			2	1.9
10.1	1	1.1			1	0.9
11.1	5	5.4	1	6.7	6	5.6
13.1	1	1.1			1	0.9
13.2	7	7.5	2	13.3	9	8.3
<b>13-tot.</b>	<b>8</b>	<b>8.6</b>	<b>2</b>	<b>13.3</b>	<b>10</b>	<b>9.3</b>
21.1	1	1.1			1	0.9
24.1	2	2.2			2	1.9
25.1	2	2.2			2	1.9
26.1	1	1.1			1	0.9
26.3	2	2.2			2	1.9
26.4	1	1.1			1	0.9
<b>26-tot.</b>	<b>4</b>	<b>4.3</b>			<b>4</b>	<b>3.7</b>
28.3	1	1.1			1	0.9
28.4	2	2.2			2	1.9
<b>28-tot.</b>	<b>3</b>	<b>3.2</b>			<b>3</b>	<b>2.8</b>
<b>TOTAIS</b>	<b>93</b>	<b>100.0</b>	<b>15</b>	<b>100.0</b>	<b>108</b>	<b>100.0</b>

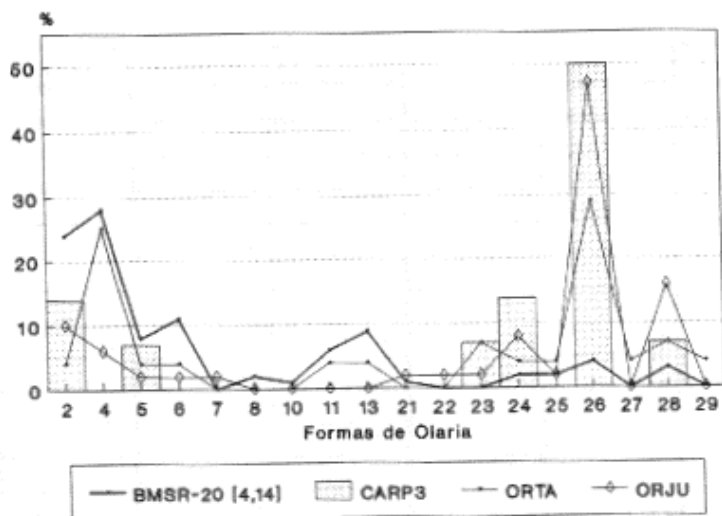


Gráfico 1 - Frequências relativas das Formas de recipientes de olaria do Bronze Pleno da "Sala 20" de BMSR comparadas com as verificadas para as amostras dos monumentos megalíticos do Carapito 3, Tanque e Juncais.

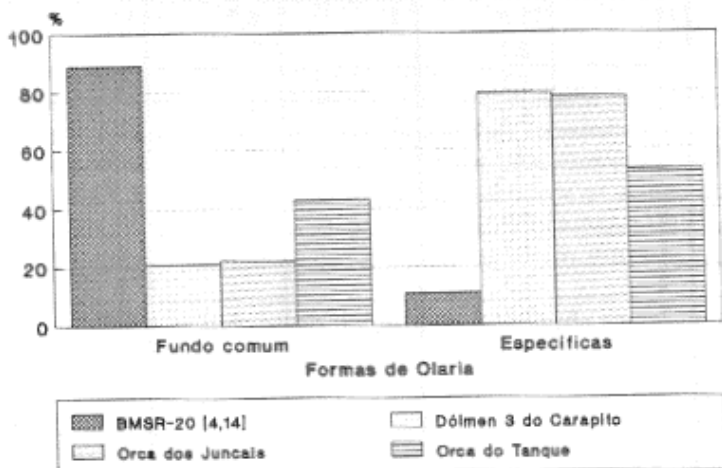
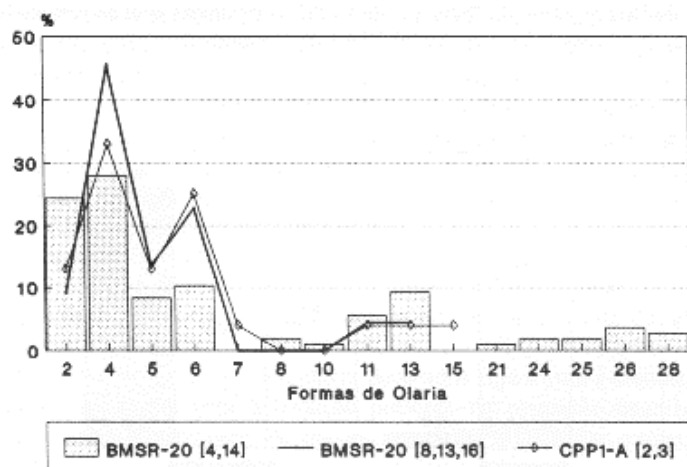


Gráfico 2 - Frequências relativas comparadas das Formas específicas da olaria do Bronze Pleno da Bacia do Médio e Alto Mondego e das Formas do *Fundo comum neocalcolítico*, para as amostras de BMSR-20 [4,14], CARP3, ORTA e ORJU.

Podemos interpretar estas diferenças considerando que, enquanto para BMSR-20 estamos perante um contexto de cariz habitacional, no caso daqueles três monumentos tudo aponta para um contexto funerário. Tal situação poderia explicar a inversão, nas amostras daqueles monumentos, das frequências registadas para as *Formas do fundo comum* (Estampa I) em relação às Formas específicas do Bronze Pleno (Estampa II), quando comparadas com as registadas para BMSR-20 [4, 14] (Gráfico-2).

Ainda mais significativas são as diferenças, também marcadas, detectáveis se compararmos estas frequências com as referentes à primeira ocupação da Sala 20 de BMSR (VALERA, neste vol a.), que antecede de forma estratigráfica clara a aqui em causa, com as registadas para o Abrigo do Complexo 1 do Penedo da Penha (SENNA-MARTINEZ, 1989: 255-69) e para a Cabanas 1 e 3 do Ameal-VI (SENNA-MARTINEZ, 1989: 241-54), sítios e contextos também com características habitacionais.

Em relação ao Abrigo de CPP1 e à ocupação inferior de BMSR-20 (cf. Gráfico-3), sítios e contextos definidores de um dos *facies* calcolíticos com olaria decorada que conhecemos regionalmente (VALERA, neste vol a.; SENNA-MARTINEZ, 1989a. e no prelo a., b. e c.), as principais diferenças resultam de uma nítida quebra nas frequências das Formas 4, 5 e 6, em relação às verificadas naqueles dois sítios, aumento na frequência da Forma 13 e existência em BMSR-20 [4,14] de Formas inexistentes naqueles (Formas 21, 24, 25, 26 e 28).



**Gráfico 3** - Frequências relativas das Formas de recipientes de olaria da ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" de BMSR comparadas com as verificadas para as amostras das ocupações calcolíticas do mesmo sítio e do Abrigo do Penedo da Penha.

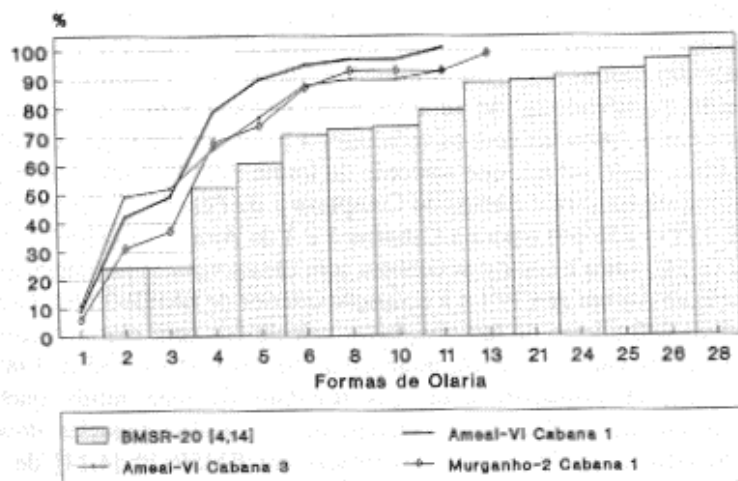


Gráfico 4 - Frequências relativas acumuladas das Formas de recipientes de olaria da ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" de BMSR comparadas com as verificadas para as amostras das Cabanas 1 e 3 do Ameal-VI e 1 do Murganho 2.

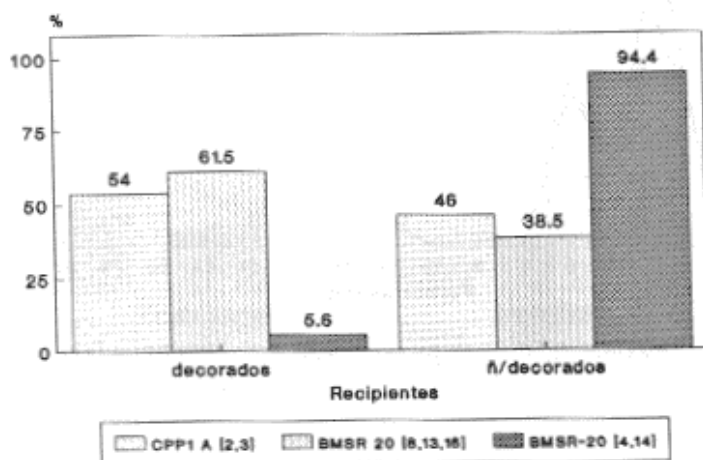


Gráfico 5 - Frequências relativas comparadas dos recipientes de olaria decorados e não-decorados da ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" de BMSR e das amostras das ocupações calcólicas do mesmo sítio e do Abrigo do Penedo da Penha.

No caso das Cabanas do Habitat do Ameal-VI, as principais diferenças residem na ausência total em BMSR-20 [4,14] de exemplares das Formas 1 e 3 (*Pratos e Taças Carenadas* calcólicas). ali bem representadas, na frequência, relativamente mais elevada, da Forma 6 em BMSR e na existência neste sítio de um grupo de formas inexistentes naquele (Formas 21, 24, 25, 26 e 28). O facto de dados recentemente obtidos para outra "cabana" de um sítio de habitat semelhante, o sítio do Murganho 2 (SENNA-MARTINEZ, no prelo c.), confirmarem estas observações reveste-se, quanto a nós, de inegável significado (Gráfico-4).

As diferenças da olaria de BMSR-20 [4,14], em relação aos conjuntos já estudados dos sítios de habitat do Calcólítico avançado da região, são, assim e no que se reporta às Formas presentes em cada um, claras e inequívocas.

Em relação ao horizonte cultural que o precede - no caso concreto de BMSR-20 até estratigraficamente falando - em CPP1-A [2,3] e BMSR-20 [8,13,16], outro aspecto os diferencia de modo flagrante. Trata-se da proporção de recipientes decorados (Gráfico-5).

Enquanto no "Horizonte Penedo da Penha/Buraco da Moura 1" (SENNA-MARTINEZ, 1989: 649-50) a percentagem de recipientes decorados é de, respectivamente, 64% e de 61.5%, em BMSR-20 [4,14] é de apenas 5.6%, o que traduz uma completa inversão da situação no que cremos serem duas etapas crono-culturalmente sequenciais.

Conquanto formada por recipientes predominantemente lisos, a amostra de BMSR-20 [4,14] contém efetivamente alguns exemplares decorados.

Pensamos, como referimos atrás, que os quatro fragmentos de bojo decorados, sem possível determinação de forma e com fracturas desgastadas, pertencem certamente à ocupação inferior. O mesmo é possível para os fragmentos de bordo 187/87 e 186/87, pertencentes respectivamente a um Esférico (Forma 5.1) e a um Vaso tipo saco (Forma 13.2), decorados o primeiro com uma banda penteada sob o bordo e o seguinte com uma banda em espinha a punção arrastado (*hoquique*) igualmente sob o bordo.

Os outros exemplares decorados englobam um fragmento de bordo de um globular (Forma 6.2) decorado com caneluras médias na junção do colo com a pança, além de fragmentos de um globular achatado (Forma 8.2) e de dois potes carenados de colo tronco-cónico fechado (Forma 25.1) todos decorados com penteados sobre o colo, apagados parcialmente por brunimento que se estende ao restante da superfície das peças (Estampa VII-293/87, 294/87 e 200/87).

Mesmo contando todos os exemplares decorados cuja forma é reconstituível (6 no total) é nítida a ruptura com a tradição presente na ocupação estratigraficamente antecedente onde a percentagem de decoração atingia 61.5% dos exemplares contra apenas 5.6% aqui.

Das diversas formas presentes no conjunto de BMSR-20[4,14] as mais representadas (por ordem de importância: as Tigelas, Taças, Globulares, Vasos tipo "saco" e Esféricos - cf. Estampas III, IV, VI, VIII e IX) constituem elementos de provável utilização doméstica que, já nos habitats do Calcólítico, contribuem com uma proporção importante das Formas presentes. Porém, no conjunto desta amostra as Formas (ou sub-tipos) abertas representam 60.2% enquanto no horizonte cultural antecedente (para BMSR) apenas representam 36%, pelo que, neste particular, este conjunto é mais próximo do das Cabanas dos habitats tipo Ameal em que as Formas abertas representam mais de 60%.

Se pensarmos que este tipo de tendências se prende com aspectos de cariz utilitário-funcional, então os dados de BMSR vão no sentido de a respectiva olaria do Bronze Pleno demonstrar uma maior continuidade em relação ao facies calcolítico representado pelo "Horizonte Moinhos de Vento/Ameal" (SENNA-MARTINEZ, 1989: 648-9, no prelo b. e c.) do que em relação àquele que, no mesmo sítio arqueológico, o precede estratigráfico-cronologicamente. O que a questão da decoração, atrás discutida, já indiciava.

A Forma mais representada no conjunto das específicas desta etapa, os Vasos Tronco-Cónicos Invertidos, foram considerados por Susana O. Jorge como "...um equipamento cerâmico fundamentalmente tumular..." (JORGE, 1986: 875). Os dados de BMSR poderiam, à primeira vista, ser tidos como confirmando esta asserção. Contudo, pensamos que se torna necessário considerar que, até à descoberta e início de estudo de BMSR, eles apenas eram conhecidos, na Beira Alta, em contextos tumulares. Estes recipientes revelaram uma variação volumétrica que, uma vez avaliada estatisticamente (SENNA-MARTINEZ, 1984, e neste vol. a.), permitiu demonstrar que, longe de se tratar de uma variação aliatória, os mesmos se agrupavam segundo *clusters* volumétricos de grande coerência interna, cujos valores médios representavam múltiplos e sub-múltiplos uns dos outros, possibilitando pensar, com elevado grau de probabilidade, na existência de um sistema de medidas, empiricamente estruturado mas dotado de grande coerência interna, regional e inter-regionalmente.

Os três exemplares mais completos de BMSR-20 [4,14] - Estampas V-399/87, V-303/87 e VI-87.379 - com volumes de 606cm<sup>3</sup>, 1557cm<sup>3</sup> e 1577cm<sup>3</sup>, integram-se nos *clusters* 3 e 5 - com volumes médios de 509cm<sup>3</sup> e 1595cm<sup>3</sup>, para coeficientes de variação de 0.12 em ambos os casos. O seu perfeito enquadramento no modelo estatístico produzido em 1984 e desde então alargado com o aparecimento/publicação de novos exemplares (SENNA-MARTINEZ, neste vol. a.) vem agora demonstrar a sua utilização em contexto doméstico para a nossa área de estudo e justamente com exemplares de valores volumétricos médios que, por razões óbvias, são os mais frequentes na amostra global por nós estudada.

Pensamos que a detecção deste sistema de medida se pode relacionar com a intensificação dos processos de contacto e/ou comércio a média/longa distância, implícitos na circulação dos modelos metálicos e cerâmicos que encontramos regionalmente atestados para esta fase (SENNA-MARTINEZ, 1989: 685). Poderemos então perguntar-nos se a sua forte presença em contextos funerários (sem que tal implique a sua exclusão do único contexto habitacional conhecido) não quererá justamente significar a importância social de artefactos cujo papel económico-social seria sem dúvida relevante?

Dando corpo à ideia de que, nesta ocupação da Sala 20 de BMSR, estamos perante um contexto habitacional, dois dos globulares recolhidos (Forma 6), a julgar pelos fragmentos conservados, deveriam ter dimensões excepcionais (Estampa-IV, 87.298), constituindo provavelmente "recipientes de armazenagem", utilização que pode corresponder, igualmente, a alguns dos exemplares da Forma 13.

A sequência estratigráfica da "Sala 20" de BMSR termina com uma ocupação do Bronze Final, a qual abordamos noutro local (SENNA-MARTINEZ, *et alii.*, neste vol.), e demonstra que os materiais da "ocupação intermédia", aqui considerados, se seguem com uma pequena descontinuidade aos materiais da "ocupação inferior", muito semelhantes aos materiais do Abrigo de CPP1 (cf. VALERA, neste vol. a.).

Os melhores paralelos para os materiais cerâmicos do "horizonte cultural" definido em CPP1-A [2,3] e BMSR-20 [13,16] consistem nos materiais publicados por Susana Oliveira Jorge (JORGE, 1986.) para a ocupação superior dos habitats da Pastoria e Castelo de Aguiar, com destaque para o segundo, que esta autora coloca entre 2200 e 1700 a.C., em cronologia radiocarbónica convencional (*id.*, 663 sgs.), o que significaria a sua contemporaneidade, pelo menos parcial, com o Habitat do Ameal-VI. Tal configura a possibilidade da coexistência regional de várias realidades culturais distintas no final do V milénio BP (SENNA-MARTINEZ, 1989: 679-81 e no prelo b. e c.; VALERA, neste vol a.).

Outros elementos, além dos estratigráficos, concorrem para atribuir esta ocupação da Sala 20 de BMSR ao Bronze Pleno.

Os paralelos imediatos para diversos elementos por nós agrupados nas Formas 21, 22 e 24, encontram-se em materiais do Bronze Antigo/Médio de diversas áreas peninsulares (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984: 120-5), sendo inteiramente desconhecidas em momentos antecedentes.

Assim, por exemplo, o sub-tipo 21.1 apresenta exemplares virtualmente idênticos aos recipientes designados por Schubart (1975: 31, Abb.1) como "*Becher vom Odivelas-Typ*", para os quais propusemos já a designação de "Taça Tipo Odivelas" (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984: 120 e nota 2). Esta Forma constitui, assim, um traço de ligação possível da nossa região de estudo com o Sudoeste Peninsular no Bronze Pleno.

A importância dos dados de CARP3 e BMSR-20 [4,14] é demonstrar a convivência contextualmente segura destas Formas com outras (Formas 25, 26 e 28) igualmente com paralelos atribuíveis à Idade do Bronze.

Assim, por exemplo, para 25.1 é imediata a semelhança com a "Forma 6 de Siret" relativa ao Bronze Argárico (LULL, 1983: 109-13 e 139). Enquanto para a Forma 26, os exemplares provenientes de contextos estratigraficamente seguros no Noroeste Peninsular pertencem a monumentos funerários em cista com ou sem *tumulus* (JORGE, 1986: 869-74), justamente considerados como atribuíveis a um Bronze Antigo. Ora, os dados contextuais agora disponíveis para BMSR-20 permitem considerar para esta Forma uma cronologia deste tipo. Conforme veremos adiante, a análise de outros conjuntos artefactuais vai igualmente neste sentido.

#### 4.2. A Pedra Talhada

A indústria de pedra talhada associada a esta ocupação da Sala 20 de BMSR é totalmente produzida em sílex. Engloba 12 elementos sobre lâmina - uma "foice de encabamento transversal" e um fragmento de outra, dois fragmentos de "foices de encabamento terminal" e um de uma "foice de encabamento lateral", além de um "raspador terminal" e de quatro fragmentos indetificáveis (SENNA-MARTINEZ, 1989: vol. I BIS, 80) - uma lamela sem retoque e um micro-núcleo tabular de lamelas (Estampas X e XI).

A predominância dos suportes laminares e dc, entre os elementos transformados, das "foices" vem na sequência do detectado para a indústria lítica dos habitats do tipo Ameal (SENNA-MARTINEZ, no prelo.).

### 4.3. A Pedra Polida

Os materiais de pedra polida recolhidos no contexto desta ocupação de BMSR compreendem: os dois dormentes de mó, em granito de grão fino, que recobriam a UE.14, uma pequena enxó de anfibolito com polimento integral (Estampa X, 392) e um pendente em xisto, de forma grosseiramente piramidal e com uma perfuração bicónica junto do vértice.

Os dois dormentes de mó manual são do tipo "*mó para farinhação*" (ROUX, 1985: 34-7) o que não quer dizer que tenham servido necessariamente para cereais e não possam ter servido para moer "*bolotas*", as quais, a julgar pelos dados da ocupação do Bronze Final do Cabeço do Crasto de S.Romão (SENNA-MARTINEZ, 1989: 669-70), constituiriam, localmente e até muito tarde, um dos elementos fundamentais da alimentação cuja utilização terá nascido regionalmente no Calcolítico (SENNA-MARTINEZ, no prelo c.).

A enxó é particularmente interessante, pelo que o seu cuidado acabamento e pequenas dimensões têm de contrastante com as enxós calcolíticas conhecidas na região (SENNA-MARTINEZ, 1989: 579-600 e 642), aproximando-a, por outro lado, dos exemplares conhecidos e associados à ocupação do Bronze Final do Cabeço do Crasto de S.Romão.

Quanto ao pendente, não lhe conhecemos quaisquer paralelos directos.

### 4.4. A Fauna

Não obstante ainda não se encontrem definitivamente estudados, os restos de fauna recolhidos permitem já algumas observações.

Assim, numa análise preliminar e ainda não quantitativa, a presença de *ovis sp.* e *bos taurus*<sup>2</sup> nesta ocupação de BMSR parece-nos particularmente significativa, dada a localização deste sítio arqueológico junto a uma das principais "portelas" tradicionais de subida à serra, largamente utilizada pela transumância de ovi-caprinos até momentos bem recentes. O impacto antrópico detectado para a segunda metade do quarto milénio BP, nas análises palinológicas das turfeiras das lagoas da Serra da Estrela<sup>3</sup>, pode corresponder com alguma probabilidade a uma intensificação da pastorícia, aliada aos primeiros plantios de centeio.

A clara indicação, em alguns dos fragmentos ósseos recolhidos, de marcas de descarnação e fractura intencional, corroboram a nossa leitura deste espaço durante o Bronze Pleno, como tendo características habitacionais.

<sup>2</sup> A que se juntam *Canis*, *Sus* e, talvez, *Capra* e *Canis*. Agradecemos ao Prof. Doutor João Cardoso uma primeira identificação desta amostra cujo estudo tem em curso.

<sup>3</sup> Aos dados inicialmente publicados e derivados das sondagens efectuadas junto à Lagoa Comprida juntam-se hoje os resultados, concordantes no essencial, obtidos em toda uma nova série de sondagens noutras turfeiras formando um transecto noroeste-sueste da serra (JANSSEN, 1985; VAN DER KNNAAP, *inf.pessoal*, que agradecemos).



## 5. Concluindo...

Permitindo clarificar aquilo que podemos entender, regionalmente, como o Bronze Pleno, a ocupação intermédia da Sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão surge como um marco fundamental para a compreensão da Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego.

Primeiro contexto habitacional conhecido regionalmente para esta etapa cronológico-cultural, as características dos conjuntos artefactuais recolhidos permitem demonstrar continuidades importantes com os momentos culturais antecedentes, nomeadamente a manutenção do uso de Formas cerâmicas aí originadas, enquanto pressagram já aspectos que encontraremos no Bronze Final da região. Sem que as modalidades das transições entre estes vários momentos da Pré-História Recente regional estejam, para já, definitivamente estabelecidas, a caracterização, mesmo que ainda incompleta, do que podemos entender nesta área como o Bronze Pleno, afigura-se-nos como a colmatação de um vazio importante.

Momento de profundas transformações sociais e intensificação de processos sócio-económicos e culturais em geral que culminarão nas sociedades já muito complexas do Bronze Final, o Bronze Pleno desta parte da Beira Alta parece reflectir, por outro lado, conservadorismos culturais importantes, dos quais destacariamos a continuada utilização de necrópoles megalíticas, cuja construção precede em muito esta etapa cultural. Tal facto, durante bastante tempo responsável por uma certa confusão na caracterização e fascamento dos espólios respectivos, surge agora clarificado graças à conjugação dos dados produzidos pela escavação do monumento 3 do Carapito com os fornecidos pela Sala 20 de BMSR (SENNA-MARTINEZ, 1989: 683-7).

Esperamos que o estudo de outros espaços deste sítio arqueológico, onde já foi possível detectar materiais traduzindo ocupações provavelmente contemporâneas, possibilite continuar a esclarecer aspectos que teremos, necessariamente e por agora, que deixar em aberto.

**APÊNDICE - I: Formas de Olaria específicas do Bronze Pleno da Bacia do Médio e Alto Mondego<sup>4</sup>**

**Forma 21** (*Taças de carena baixa*) - Volumes H-SS, H-HE, T-SS e/ou T-HE (ERICSON & STICKEL, 1973.), formas de profundidade média ( $40 \leq I_p < 70$ ), com  $I_{hc} < 45$ . Com os seguintes sub-tipos:

- 21.1 - caracterizado pelo colo côncavo e vertical.
- 21.2 - de colo alto ( $I_h > 70$ ) tronco-cônico aberto ( $I_{a2} = 100$ ).
- 21.3 - de colo tronco-cônico fechado ( $I_{a2} < 90$ ).

**Forma 22** (*Taças de carena média/alta*) - Volumes H-SS, H-HE, T-SS, T-HE, C-SS ou C-HE, formas abertas ( $I_{a2} = 100$ ) e baixas a muito baixas ( $I_p < 45$ ), com  $45 < I_{hc} \leq 75$ . Sub-tipos:

- 22.1 - Formas pouco fundas ( $50 > I_p > 20$ ), de carena média ( $45 < I_{hc} \leq 55$ ), com o colo ligeiramente fechado, alto ( $I_h > 45$ ) e côncavo.
- 22.2 - de carena média a alta ( $45 < I_{hc} \leq 75$ ), colo alto e exvertido.
- 22.3 - com carena invertida (interna) e colo exvertido.
- 22.4 - Forma muito baixa ( $I_p < 20$ ), de carena alta, ocasionalmente muito alta ( $55 < I_{hc} \leq 75$ ), com o colo vertical.

**Forma 23** (*Taças de carena baixa esbatida*) - Formas abertas ( $I_{a2} = 100$ ), de volumes T-HE ou C-HE, com  $20 < I_p < 40$  e carena muito baixa a baixa ( $I_{hc} < 35$ ), geralmente esbatida, tendendo quase para as bases planas. Sub-tipos:

- 23.1 - De lábio claramente exvertido.
- 23.2 - de lábio direito e bordo redondo ou direito.

**Forma 24** (*Potes de colo estrangulado e carena média/alta*) - recipientes com volumes do tipo P{T-T}-HE, P{T-T}-HS, C-HE, T-HE ou C-T-T - este por simplificação de C-T-HE(SE). Sub-tipos:

- 24.1 - com  $90 < I_{a1} \leq 100$ ,  $I_p \geq 70$  e  $55 < I_{hc} \leq 75$ , com ou sem asa mas podendo apresentar um mamilo ou pega mamilar sobre a carena.

<sup>4</sup> Reservámos os números 21 a 29 da nossa tabela tipológica de olaria para as Formas que atribuímos especificamente a este complexo cronológico-cultural. Manivámos, contudo, a sequência originalmente proposta na primeira tentativa de tipologia que produzimos (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984). Assim, por exemplo, a Forma 24 corresponde ao que então designámos como Tipo 4 (Vejam-se os parâmetros de análise utilizados para a olaria em SENNA-MARTINEZ, neste vol. b: Apêndice-I).

- 24.2 - Forma semelhante à antecedente mas fechada ( $Ia1 < 90$ ) e funda ( $Ip > 70$ ) e com carena média ( $45 < Ihc \leq 55$ ).
- 24.3 - Volumens C-T-T, com base plana, fechados ( $Ia1 < 90$ ) e fundos ( $Ip > 70$ ), com carena média/baixa ( $35 < Ihc \leq 55$ ).

**Forma 25** (*Potes carenados de colo tronco-cônico fechado*) - Volumens T-HE, T-S e T-T, fechados ( $Ia1 < 90$ ), de profundidade média ( $50 < Ip \leq 70$ ), com carenas normalmente médias/altas ( $45 < Ip \leq 75$ ), eventualmente baixa. Sub-Tipos:

- 25.1 - Carena alta e base convexa.
- 25.2 - Carena baixa esbatida e base convexa
- 25.3 - Carena média e base em omphalos
- 25.4 - Variante de 25.1 com orifícios de suspensão sub-cutâneos e horizontais no bordo.

**Forma 26** (*Vasos tronco-cônicas invertidas*) - recipientes com volume em tronco de cone invertido (T), sempre de base plana, maioritariamente fundos ( $Ip \geq 70$ ), por vezes médios ( $55 < Ip < 70$ ), com  $Ia2 = 100$ . Sub-tipos:

- 26.1 - Com asa de rolo.
- 26.2 - Forma idêntica a 26.1, mas apresentando, em vez de asa de rolo, pegas mamilares, ou manípulos.
- 26.3 - Lisos.
- 26.4 - Variante sem elementos de preensão e em que as paredes, mantendo embora a forma geral tronco-cônica, apresentam um perfil ligeiramente sinuoso, com o lábio marcadamente exvertido, dando ao recipiente uma forma de "túlipa".

**Forma 27** (*Vaso cilíndrico*) - Volume C, com  $Ia2 = 100$ , fundo ( $Ip > 70$ ) e de base plana.

**Forma 28** (*Potes de colo estrangulado*) - Formas fechadas ( $Ia1 \leq 95$ ) e fundas ( $Ip \geq 70$ ), com alguns casos muito fundos ( $Ip \geq 100$ ) de volumes compostos (C-T-HE, T-T-HE, etc.), colo bem marcado e base plana ou sub-plana. Sub-tipos:

- 28.1 - Com asa de rolo.
- 28.2 - Volumens semelhantes aos de 28.1, formas porém muito fundas ( $Ip > 100$ ) e fechadas ( $Ia1 < 90$ ), colo bem definido e com ou sem asa.
- 28.3 - Idênticas a 28.1, mas sem meios de preensão.

28.4 - Formas muito alongadas ( $I_p > 150$ ), fechadas ( $I_a1 < 90$ ), com asa de rolo ou fita e modelado suave, aproximando-se do que chamaríamos "Jarro". Com base plana ou ligeiramente convexa.

**Forma 29 (Potes em forma de tambor)** - Volumes sub-cilíndricos, decomponíveis em HE-T-HE, HE-HE e/ou T-C-T, com o lábio horizontal e invertido, fechados ( $I_a2 < 50$ ) e de profundidade média ( $50 < I_p \leq 70$ ), com base plana ou de tendência plana. Sub-tipos:

29.1 - De lábio liso e bordo redondo.

29.2 - De lábio esquadriado e ligeiramente sobre-elevado.

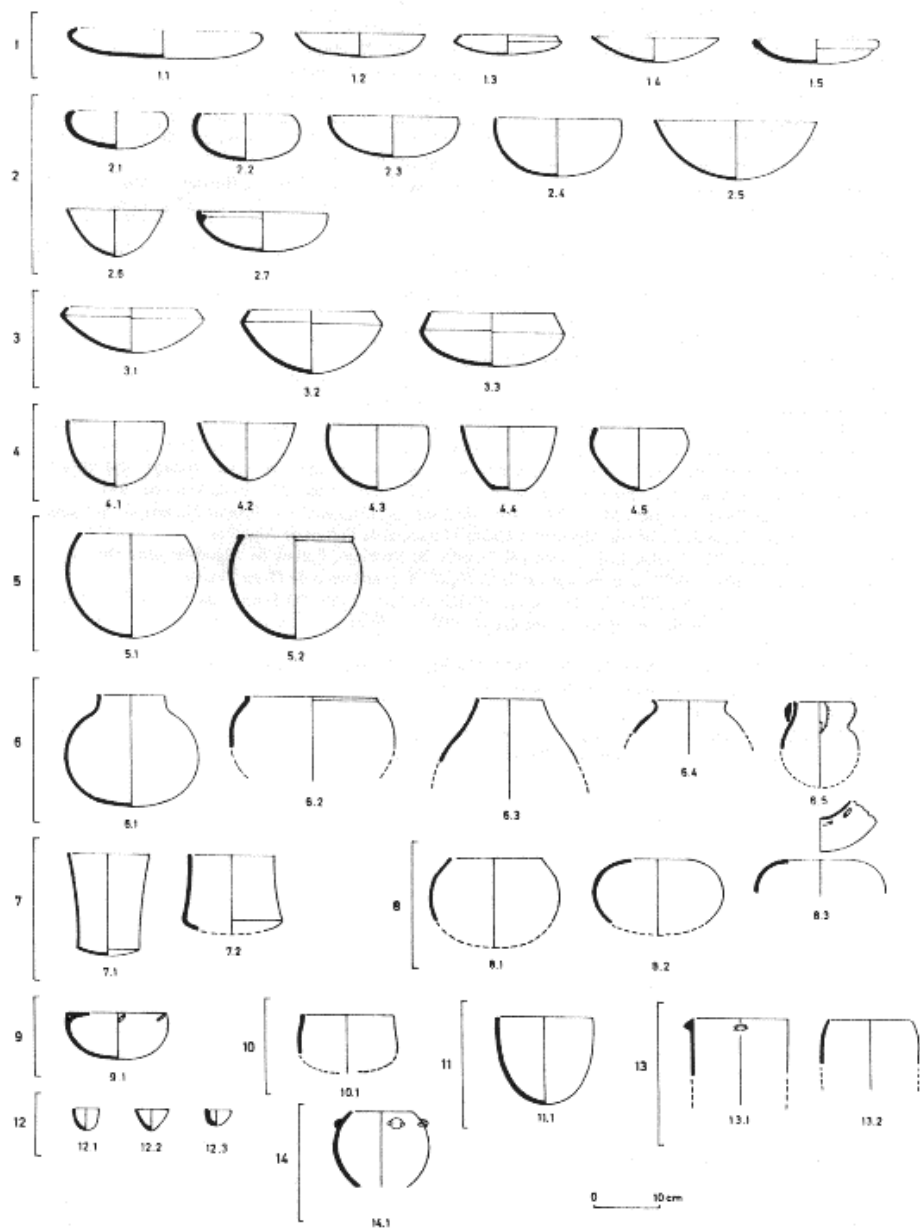
---

## BIBLIOGRAFIA:

- DAVEAU, S. Ed. 1985. *Livro-Guia da Pré-Reunião. Glaciação da Serra da Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, G.T.P.E.Q.-G.F.T.Q., Lisboa
- ERICSON, J. & STICKEL, G. 1973. "A proposed classification system for ceramics", in: *World Archaeology*, 4(3), p. 57-67
- JANSSEN, C.R. 1985. "História da vegetação", in: S. DAVEAU Ed., *Livro-Guia da Pré-Reunião. Glaciação da Serra da Estrela - Aspectos do Quaternário da Orla Atlântica*, G.T.P.E.Q.-G.F.T.Q., Lisboa, pp.66-72
- JANSSEN, C.R. & WOLDRINGH, R.E. 1981. "A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from the Serra da Estrela, Portugal", in: *Finisterra*, XVI, 32, pp.299-309
- JORGE, S.O. 1986. *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto
- LEISNER, V. 1958. "Nota sobre um vaso transmontano", in: *Arqueol.Hist.*, 8ª Série, VIII, pp.145-53
- LEISNER, V. & RIBEIRO, L. 1968. "Die Dolmen von Carapito", in: *Madrider Mitteilungen*, 9, pp.11-462
- LULL, V. 1983. *La "Cultura" de El Argar*, Akal, Madrid
- SARMENTO, M. 1933(1883). "Relatório da Secção de Arqueologia da Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881", in: *Dispersos. Colectânea de artigos publicados desde 1876 a 1899, sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia, Epigrafia e Arte Pré-Histórica*, Imprensa da Universidade, Coimbra, pp.129-152
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1984. "Contribuições arqueométricas para um modelo sociocultural. padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal", in: *Chão/Arqueologia*, 1, pp.169-88
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989a. *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*, Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa, 3 Vols., policop.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1989b. "O megalitismo da bacia do Médio e Alto Mondego: Uma primeira proposta de faseamento", in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp.83-97
- SENNA-MARTINEZ, J.C. neste vol. a. "Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Antigo/Médio do Centro e Noroeste de Portugal", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri
- SENNA-MARTINEZ, J.C. neste vol. b. "O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria", comunicação às *Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 27 a 30 de Maio de 1991
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo a. *O Sítio de Habitat do Ameal-VI (Carregal do Sal)*, Monografias do Museu Municipal de Carregal do Sal, 1
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo b. "The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view", in: Katalin T. LLÍOS, Ed., *The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*, International Monographs in Prehistory
- SENNA-MARTINEZ, J.C. no prelo c. "Megalitismo, habitat e sociedades: a Bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c.5200-3000 BP)", in: *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*, Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992

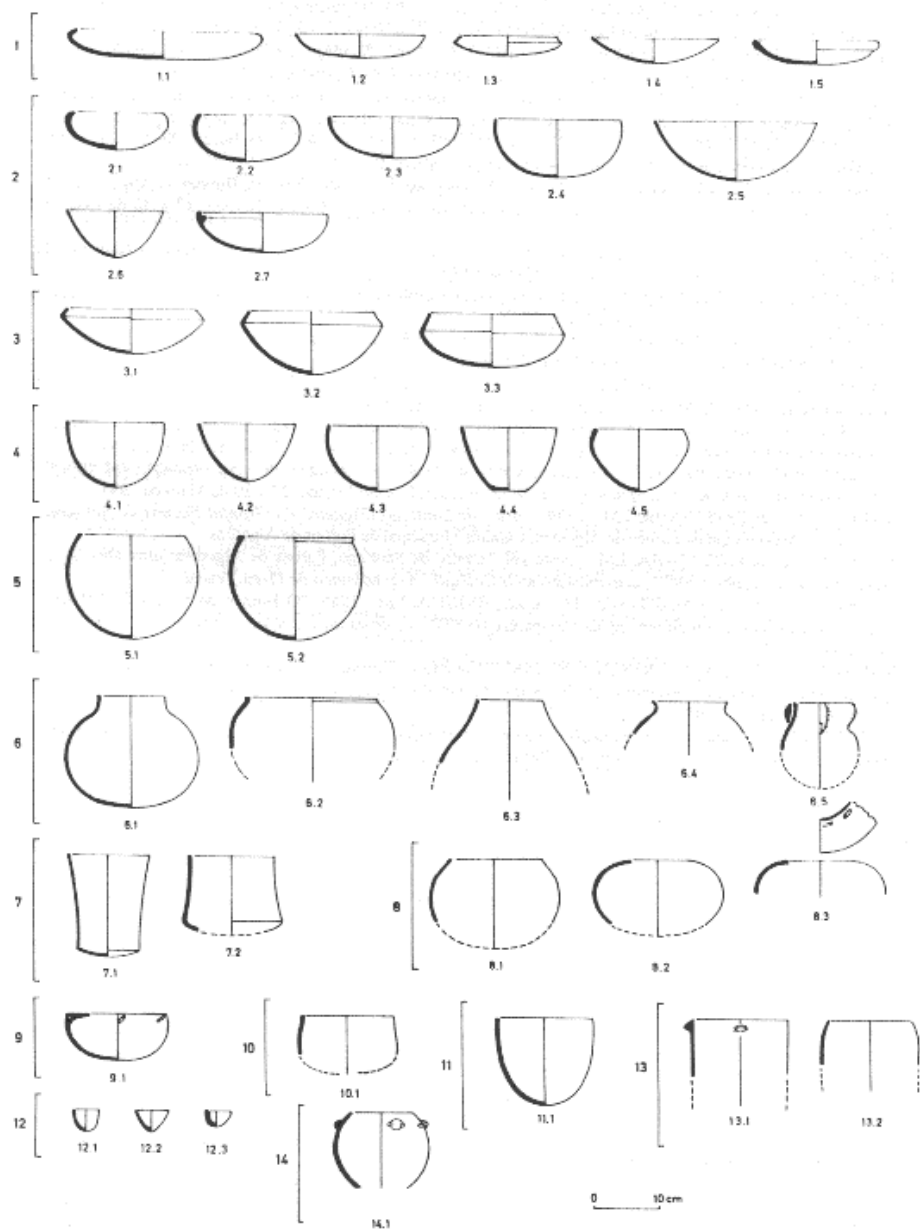
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & AMARO, R. 1987b. "Campaniforme tardio e inícios da Idade do Bronze na Orca do Outeiro do Rato, Lapa do Lobo: nota preliminar", in: *Da Pré-História à História*, Lisboa, Delta, pp.265-71
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; GARCIA, M.F. & ROSA, M.J. 1984. "Contribuições para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze (I)", in: *Chão/Arqueologia*, 1, pp.105-38
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; GUERRA, A. & FABIÃO, C. 1986. "Cabeço do Crasto", *São Romão, Seia. A Campanha 1(1985)*, Catálogo da Exposição Temporária - FLAGRIS/86, UNIARCH/GHAS, Lisboa
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C. no prelo. "Buraco da Moura, um novo sítio calcolítico e da Idade do Bronze no sopé do Cabeço do Crasto, São Romão, Seia: notícia preliminar", in: *Chão/Arqueologia*, 2
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; VALERA, A.C. & ESTEVINHA, I.M. no prelo. "O Buraco da Moura de São Romão, Seia: a campanha I(1987)", in: *Informação Arqueológica*, 9
- SENNA-MARTINEZ, J.C., et alii., neste vol. "A ocupação do Bronze Final do Buraco da Moura de São Romão", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 27 a 30 de Maio de 1991
- SILVA, A.R.P. & TELES, A.N. 1986. *A Flora e a Vegetação da Serra da Estrela*, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza. Lisboa, 2ª Ed.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O.V. 1974. "Das Vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal : / Portugal", in: *Madrider Mitteilungen*, 15, pp.28-76
- TEIXEIRA, C. et alii., 1974. *Notícia explicativa da Folha 20-B, Covilhã, da Carta Geológica de Portugal na Escala 1:500000*, Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa
- VALERA, A.C. 1992. *Castro de Santiago (Figueiró da Granja). As campanhas de 1990 e 1991*, Gabinete de Arqueologia de Fornos de Algodres, Câmara Municipal de Fornos de Algodres
- VALERA, A.C. neste vol. a.. "A ocupação calcolítica da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 27 a 30 de Maio de 1991
- VALERA, A.C. neste vol. b.. "A Covijeira, Canas de Senhorim: vestígios de uma ocupação calcolítica", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 27 a 30 de Maio de 1991
- VALERA, A.C. & ESTEVINHA, I.M. 1989. *Castro de Santiago (Figueiró da Granja) Fornos de Algodres*, Gabinete de Arqueologia de Fornos de Algodres, Câmara Municipal de Fornos de Algodres
- VALERA, A.C. & ESTEVINHA, I.M. neste vol. "Castro de Santiago, Fornos de Algodres: uma abordagem preliminar da campanha I(1989)", comunicação ao *II Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu
- VALERA, A.C.; SENNA-MARTINEZ, J.C. & ESTEVINHA, I.M. 1989. "O Buraco da Moura de S.Romão (Seia): alguns resultados preliminares da Campanha 1(1987)", in: *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, pp.149-174
- VAN DEN BRINK, L.M. & JANSSEN, C.R. 1985. "The effect of human activities during cultural phases on the development of montane vegetation in the Serra da Estrela, Portugal", in: *Review of Palaeobotany and Palynology*, 44, pp.193-205
- VARANDAS, J. neste vol. "A ocupação medieval do Buraco da Moura de São Romão", comunicação às *I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior*, Castelo Branco, 27 a 30 de Maio de 1991

Estampa-I

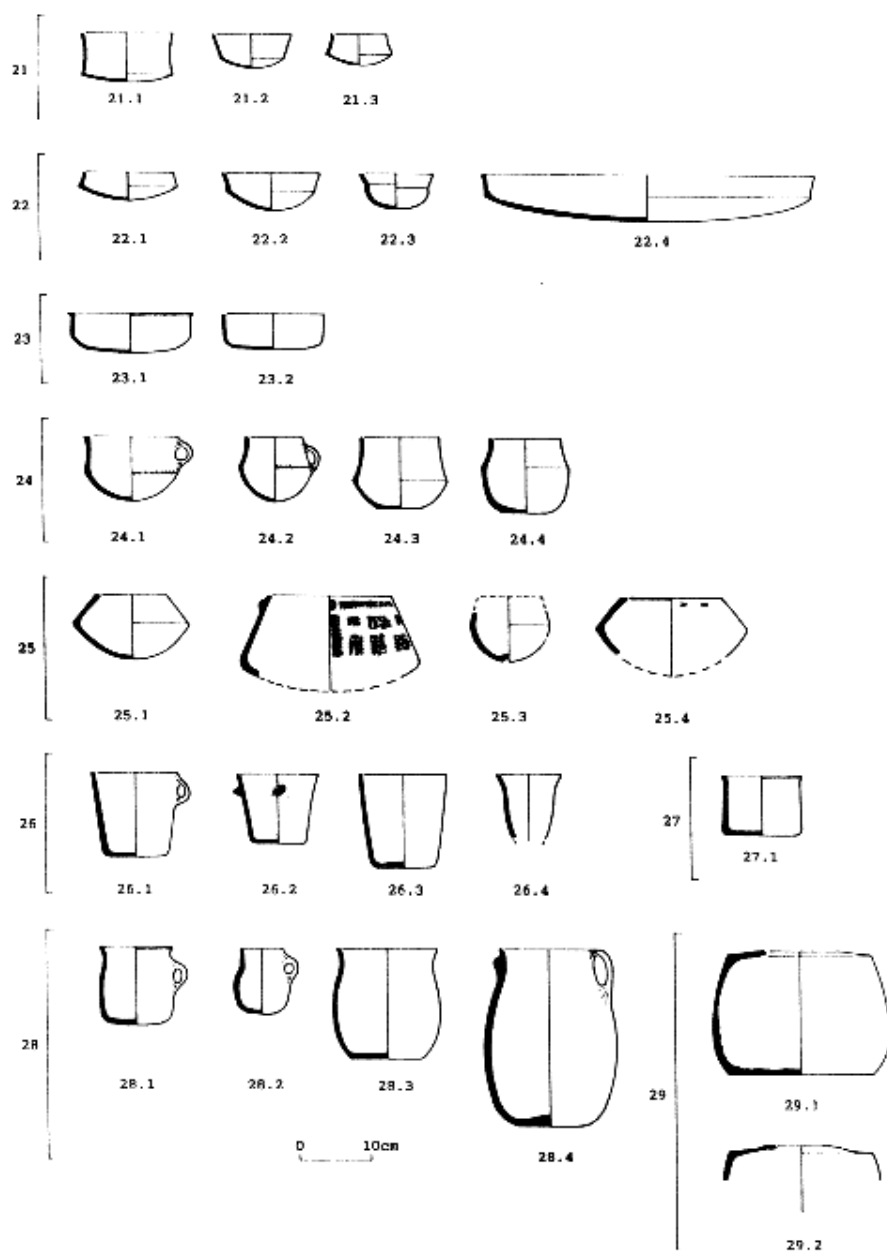


Formas e respectivos sub-tipos da olaria do *Fundo comum neo-calcolítico*.

Estampa-I



Formas e respectivos sub-tipos da olaria do *Fundo comum neo-calcolítico*.



Formas específicas e respectivos sub-tipos da olaria do Bronze Pleno da Bacia do Médio e Alto Mondego.



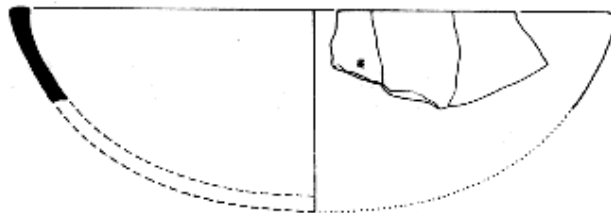
**Estampa-III**



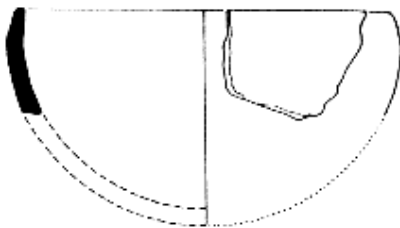
87.309



86.193



87.241



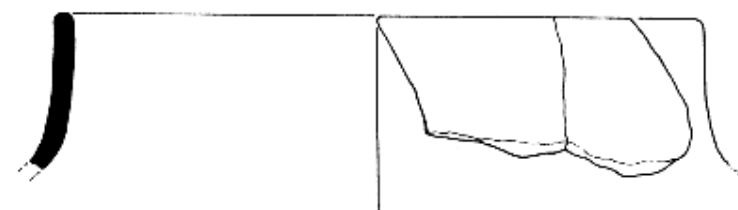
88.034



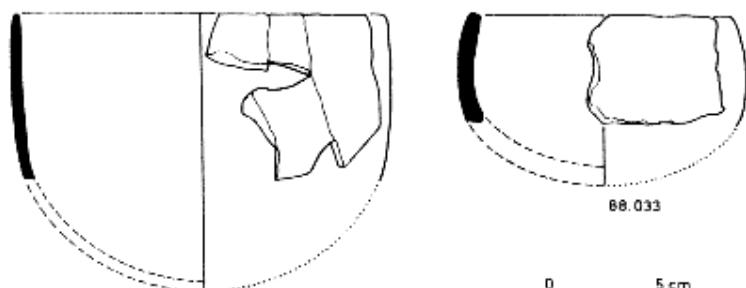
88.037



Olaria da UE.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Taças, sub-tipo 2.2 [87.309], sub-tipo 2.3 [86.193, 87.241]; Tigelas, sub-tipo 4.1 [88.034], sub-tipo 4.2 [88.037].



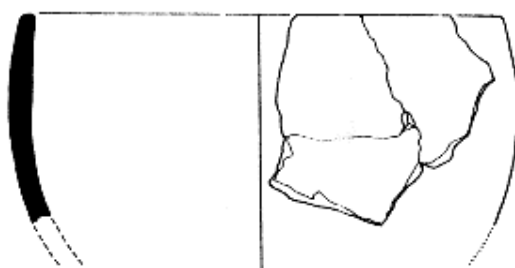
87.298



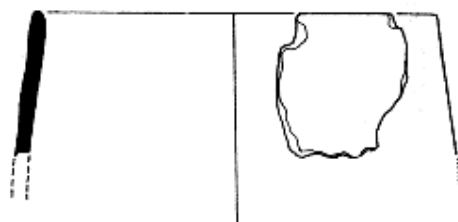
87.295

88.033

0 5 cm

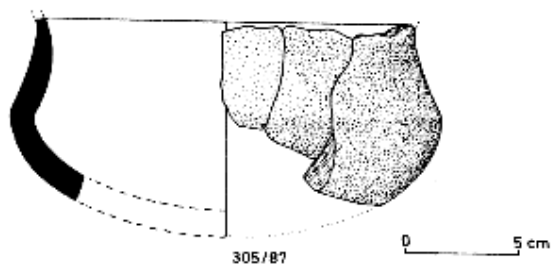
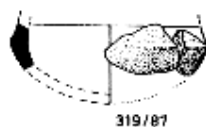
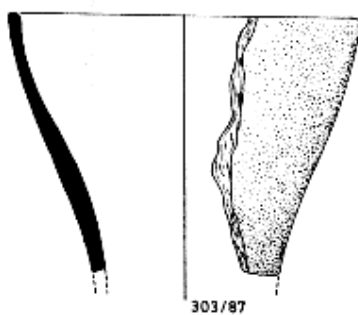


87.281

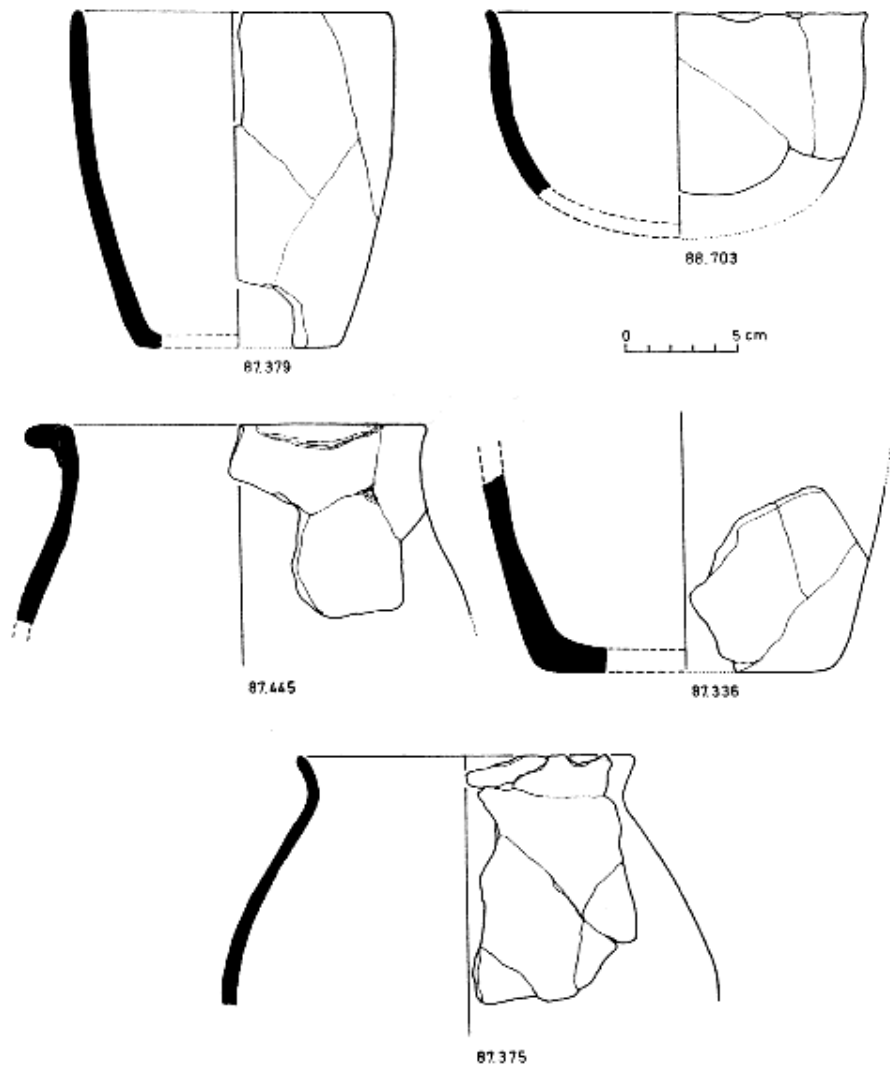


87.306

Olaria da UE.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Globular, sub-tipo 6.1 [87.298]; Tigelas fundas, sub-tipo 11.1 [87.295, 87.281]; Vaso tipo saco, sub-tipo 13.2 [87.306].

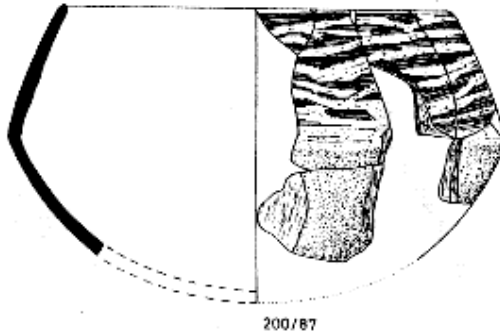
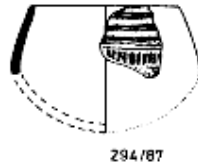
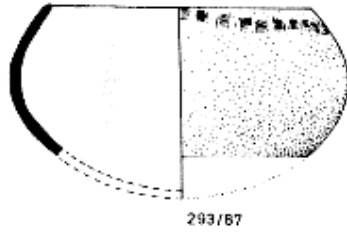


Olaria da UE.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Vasos tronco-cônicos invertidos, sub-tipo 26.1 [399/87], sub-tipo 26.4 [303/87]; Potes de colo estrangulado e carena média/alta, sub-tipo 24.1 [319/87, 305/87].



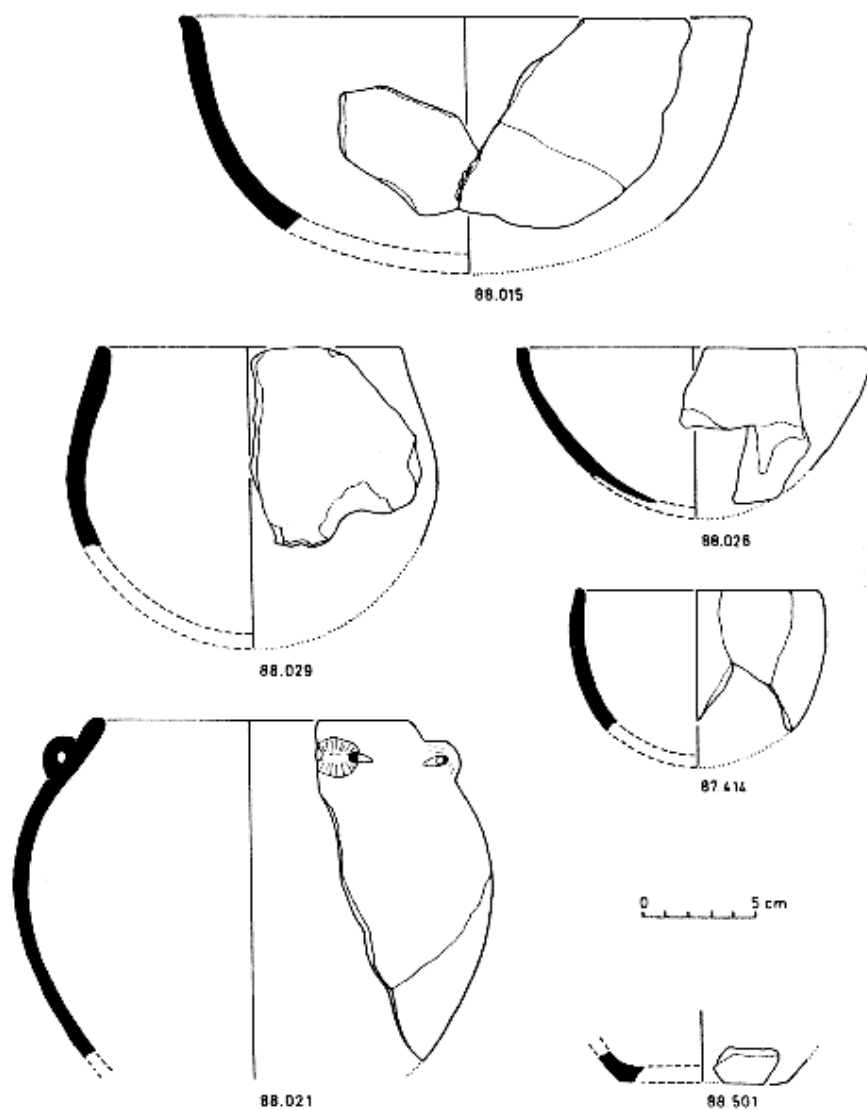
Olaria da UE.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Vaso tronco-cônico invertido, sub-tipo 26.3 [87.379]; Taça funda elipsoidal, sub-tipo 10.1 [88.703]; Potes de colo estrangulado, sub-tipo 28.4 [87.445, 87.375]; Base plana [87.336].

Estampa-VII



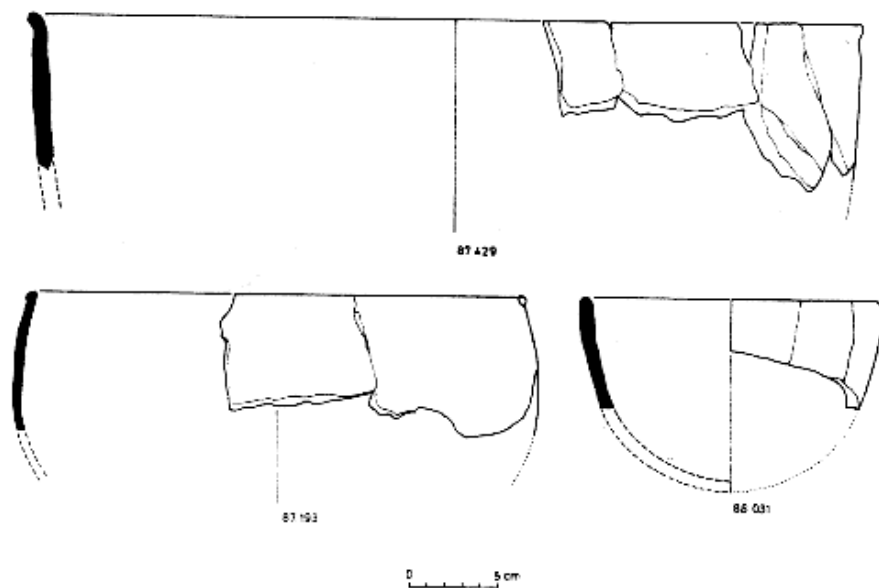
0 5 cm

Olaria da UE.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Globular achatado, sub-tipo 8.2 [293/87]; Potes carenados de colo tronco-cônico fechado, sub-tipo 25.1 [294/87, 200/87].

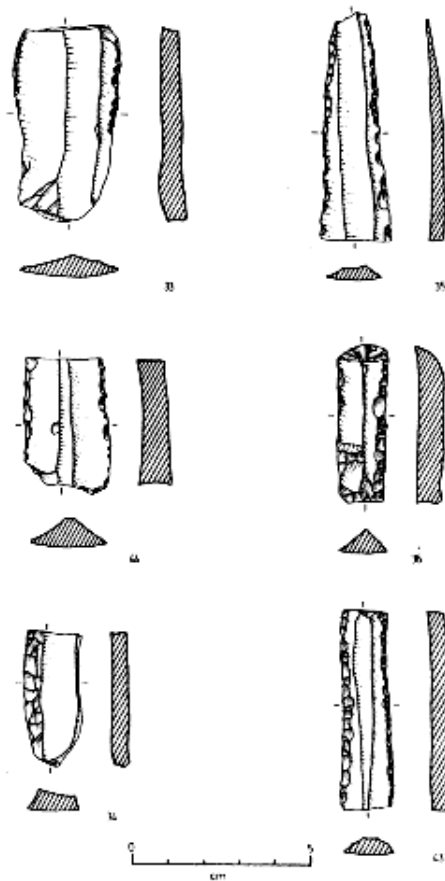


Olaria da UE.14 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Taças, sub-tipo 2.4 [88.015, 88.026]; Globular, sub-tipo 6.3 [88.029, 88.021]; Tigela funda, sub-tipo 11.1 [87.414]; Base plana [88.501].

**Estampa-IX**

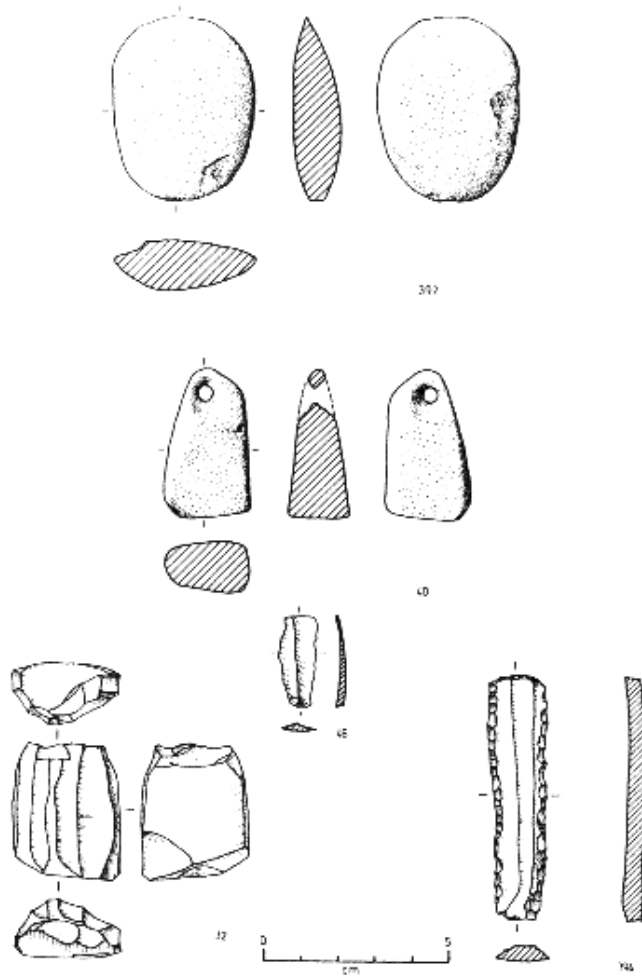


Olaria da UE.14 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Tigelas, sub-tipo 4.1 [87.429, 88.031]; Taça, sub-tipo 2.4 [87.193].



Indústria lítica talhada da UE.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: fragmento proximal de "Foice" de encabamento transversal [33]; fragmentos distais de "Foice" de encabamento terminal [35,43]; fragmento proximal de "Foice" de encabamento lateral [34]; raspador terminal [36]; fragmento de "Foice" [44].





Indústria lítica talhada e polida da UF.4 da Sala 20 do Buraco da Moura de São Romão: Lamela sem retoque [46]; Núcleo tabular para lamelas [32]; "Foíce" de encabamento transversal [394]; Enxó de anfíbolito com polimento integral [392]; Pendente em xisto polido com perfuração bicônica [40].